

## CRÔNICAS E CONTROVÉRSIAS

---

### O MITO DE ÉDIPO

Michel Bréal

1

“QUANTO MAIS se penetra na natureza íntima dos mitos primitivos, mais se ficará convencido de que eles se relacionam na sua maioria ao Sol”. Esta opinião de Max Müller, que pode parecer singular e paradoxal, vem de um verdadeiro sentimento das condições em que se encontrava colocada a humanidade na sua infância. Com efeito, o espetáculo que primeiro deve ter chamado a atenção do espírito do homem foi o corpo luminoso que subia e descia no céu em virtude de uma força que lhe parecia própria, que distribuía para todos os seres o calor e a vida, e parecia pairar como rei sobre o mundo, do qual era o habitante mais forte e mais belo. Os primeiros assuntos de conversa, os primeiros temas poéticos da humanidade devem ter sido o nascimento do astro, sempre saudado por novos gritos de alegria, seus combates contra a escuridão, sua união com as nuvens, seu poder quase sempre salutar, mas algumas vezes pesado e mortal, seu desaparecimento no horizonte que se assemelhava a um fim precoce. Para compreender o charme singular e o inesgotável interesse que se ligava a este assunto, não é necessário voltar a estas épocas distantes. Basta sair por alguns dias dos hábitos da vida moderna. Uma estada no campo, uma travessia do mar, uma viagem a pé são suficientes para tornar presente o poder deste mestre a cada vez doce ou terrível que esquecemos muitas vezes nas nossas cidades. Lembro-me de que, começando com um amigo uma excursão pelas montanhas, em uma manhã cinzenta que poderia tanto anunciar a chuva e o frio como dar lugar a um belo dia, foi o sol, com o que ele prometia ou com o que ele fazia temer, que se tornou o primeiro assunto de nossa conversa. Em vão buscávamos outros pontos: voltávamos a este assunto que ultrapassava todos os outros em interesse. O que não deve ter sido o sol para um povo nômade sem meios seguros de subsistência, sem conhecimento das regiões que percorria, exposto aos perigos que cada noite trazia consigo, desarmado diante do inverno bem como diante do calor

do verão? A necessidade de adoração natural que o homem tem o levou, tanto quanto seu gosto pelo maravilhoso e a consciência de sua fraqueza, a fazer um deus do ser incompreensível cuja natureza ignorava e do qual sentia a todo momento a força.

A mais antiga história que os homens se contaram foi a deste herói brilhante de força e esplendor desde as primeiras horas de sua existência, generoso e grande durante sua vida, mas afetado ao final de seu curso por um golpe que não podia evitar. Antes de pensar em lançar seus olhares sobre si mesmo, nossos ancestrais conheciam já as aventuras do soberano celeste. Não é senão por etapas que o homem chega a se interessar pelo relato de seu próprio destino. A ordem genealógica imaginada pelos mitólogos responde bem ao progresso do pensamento humano: é Júpiter que está no começo de tudo; depois dele vêm os outros deuses, que por sua vez dão à luz os heróis e reis da terra; os simples mortais são os últimos a aparecer na história, assim como formam na fábula o último anel da cadeia das criaturas. Os relatos de que falamos não têm, aliás, nenhuma pretensão astronômica; eles não nos ensinam nem a medida do tempo, nem o conhecimento dos eclipses. Quando falam do Sol, é para mostrá-lo nascendo da Aurora no oriente e a reecontrando à tarde do outro lado do horizonte, ou conduzindo seus cavalos por um caminho de escarpas no qual ninguém mais poderia mantê-los, ou se consumindo no fim do dia no incêndio que produziu.

A grande quantidade destas lendas não nos deve espantar. Aqueles que censuram os intérpretes da mitologia por adaptar a mesma explicação a uma multidão de fábulas e por reencontrar o mesmo ser sob as mais diversas máscaras, não suspeitam que a mitologia grega não formava no início o relato seguido e bem encadeado que possuímos hoje, mas que ela é o produto de uma compilação em que a mesma fábula deve ter deslizado mais de uma vez, graças às variantes da narração, diferentemente do nome dos personagens e das mudanças de lugar em que se diz passar a ação mítica. Se algo pode fazer-nos compreender esta espécie de duplo emprego, são as antologias que a Alemanha faz neste momento dos contos e das lendas populares de suas províncias. As mesmas histórias retornam constantemente, recolhidas em Souabe, na Silésia, em Thuringe, em Holstein; mas nenhum destes relatos é exatamente semelhante ao outro: eles diferem entre si pelos nomes dos personagens, pelo local da cena, pelos incidentes, pelo aspecto geral. Cada região modificou o tema primitivo e o marcou com sua origina-

lidade.

Nota-se freqüentemente a quantidade de sinônimos que o grego possui para designar o mar, e se disse com razão que esta riqueza de termos convinha a um povo de marinheiros. Ainda hoje, se se examinam os nomes dados por nossos camponeses aos fenômenos naturais, se surpreenderá pela diversidade das palavras que empregam. Para muitas das variedades de um único e mesmo fato, que compreendemos sob um mesmo nome, o camponês tem designações particulares das quais se serve com precisão. Esta espécie de vocabulário é o produto de uma longa sequência de observações e constitui uma ciência que se transmite entre os lavradores e os pastores. O espírito observador dos gregos, servido por um idioma flexível, multiplicou os nomes dados aos fenômenos da natureza. O sol, por exemplo (para voltarmos a nosso ponto de partida), não apareceu sob o mesmo aspecto aos pastores da montanha ou aos agricultores da planície; o ilhéu lhe deu nomes diferentes dos do habitante de terra firme. Se se considerar que todas estas designações tomaram um caráter sagrado, já que se aplicam a um ser divino, se compreenderá que o mesmo personagem pode ser encontrado na mitologia grega sob um grande número de nomes diferentes.

A estes nomes se ligam locuções proverbiais que resumem de uma maneira pitoresca os diversos episódios da vida do deus. Temos só que ouvir o povo para escutar ainda hoje estes modos de falar, em que um fato da natureza é apresentado sob uma forma viva e breve. Por vezes estes propósitos são a inspiração súbita daquele que fala, mais freqüentemente são locuções consagradas, que se repetem desde tempos imemoriais. Quem não ouviu nossos camponeses dizerem que *la lune rousse brûle les bourgeons*? Seguramente não há nada aí de mítico: é uma frase convencional, à qual aquele que a emprega dá um sentido mais ou menos literal. Mas suponhamos que o nome *lune rousse* forme em francês, como ocorreu em grego ou em sânscrito, uma só palavra: admitamos que este termo tenha vindo do uso cotidiano. A frase que acabamos de citar poderá tornar-se, para uma época que não compreenderá mais seu sentido, o enunciado de um acontecimento histórico. Por menos que haja outras proposições do mesmo gênero relacionando-se ao mesmo assunto, o fato em questão tomará seu lugar em uma narração imaginária.

A história dos deuses não formava no início um relato: eram ditos incidentes, ainda que muito fixos em seu teor. As transições, o encadeamento,

a ordem, a lógica foram introduzidos tardiamente pelos contadores que, recolhendo estas frases cujo sentido procuravam, acreditaram nelas reconhecer fragmentos de antigas tradições ou os oráculos mal conservados da sabedoria antiga. Para reencontrar a significação de um mito, é necessário primeiro procurar reduzi-lo a seus elementos primitivos: todas as partes da narração não têm a mesma antigüidade. É necessário desfazer a obra do narrador, suprimir tudo o que é de segunda mão e reconduzir o conto a seus traços primordiais. As frases que o povo repetia diante dos fenômenos da natureza foram, para a imaginação de uma época mais recente, como um sumário a desenvolver, como os pensamentos destacados que o mestre dá a seu aluno para religar e explicar.

Tomo como exemplo a história de Ixíon. A fábula conta que este rei dos Lapitas ou dos Flegias foi admitido à mesa dos deuses e que ele ousou formular o projeto de seduzir Hera. Zeus, para convencer-se de sua audácia sacrílega, fez de uma nuvem uma figura semelhante à de Hera, ou, segundo outros, criou uma ninfa Nefele com a qual Ixíon concebeu os centauros. Como punição por seu crime, Ixíon foi amarrado a uma roda em fogo que gira eternamente no espaço. Tal é o relato dos poetas: Píndaro<sup>1</sup> vê no suplício de Ixíon o castigo imposto ao ímpio que primeiro ousou violar as leis da hospitalidade.

Quem era originalmente este criminoso Ixíon? O traço característico de sua história é o suplício ao qual foi condenado. *Ixíon gira e girará sem fim sobre uma roda em chamas*: este é o ponto de partida do mito. Se examinarmos o nome de nosso herói, veremos que se faz aí menção a esta roda. Ixíon corresponderia em sânscrito a uma palavra *akshivan*, que quer dizer *aquele que tem uma roda ou que gira sobre uma roda*<sup>2</sup>. Em uma época em que a verdadeira natureza de Ixíon deixou de ser compreendida, o povo que quer dar conta das palavras cuja herança recebe, inventou por si este gênero de suplício. *Ele é o pai dos centauros*. Adalbert Kuhn<sup>3</sup> mostrou a identidade dos Centauros e dos Gandarvas, estes seres fantásticos que desempenham na mitologia indiana o mesmo papel que os Centauros para os gregos, e que representam as nuvens cavalgando no céu. Ixíon entre os gregos é o centauro por excelência, uma vez que é o pai desta família de monstros: ele corresponde ao Gandarva védico. Estamos então próximos de adivinhar o que é esta roda de fogo que seu nome representa. Os vedas falam com frequência da roda do sol e da luta que mantém o deus supremo para arrancá-la das mãos do demônio que personifica a noite e a esterilida-

de<sup>4</sup>. *Ixíon gira eternamente sobre sua roda*, não era então, no princípio, a enunciação de um suplício, mas a expressão de um fato natural. *Ixíon ama Hera*, ou seja, a deusa da atmosfera, é uma afirmação que não tem necessidade de ser explicada se nos lembramos que Hera é a esposa de Zeus de quem Ixíon é um desdobramento. *Ixíon se une à Nuvem* é uma outra forma da mesma idéia. Estes quatro fatos, formando igual número de provérbios, foram recolhidos e combinados por uma época que crê perceber aí os episódios de uma aventura meio esquecida.

As fábulas não foram criadas de uma só vez e por inteiro: os acontecimentos essenciais e os nomes dos personagens pertencem a uma época, a disposição e a moral do relato pertencem a uma outra; chamaremos a primeira época de idade naturalista, e daremos o nome de idade moralista à segunda. À idade naturalista remontam as concepções que, não sendo mais compreendidas, parecem mais tarde estranhas ou monstruosas; à idade moralista remontam as explicações destinadas a dar conta destes fatos, a justificá-los ou a atenuá-los.

A poesia popular rejuvenesce constantemente os antigos heróis e lhes dá o aspecto de grandes modelos contemporâneos. Nas canções de gesta do século XII, Carlos Magno é um cavaleiro que vai às cruzadas. A mesma transformação foi operada pela idade moralista: os usos, as instituições que as fábulas nos revelam são aquelas da época em que elas foram organizadas. O historiador que fosse procurar nas canções de gesta ensinamento sobre Carlos Magno se exporia aos mais singulares erros; mas estes poemas tornam-se documentos fiéis se nos pomos a neles estudar o desenho da sociedade feudal que os produziu. Os mitólogos que, como Banier, compõem com os nomes dos deuses a lista das antigas dinastias da Grécia, desconhecem a natureza dos mitos; mas se queremos nos contentar em pesquisar nas fábulas a imagem das idéias e das instituições, tiraremos delas preciosas indicações. O mito de Heracles nos mostra, na pessoa de Euristeu, a realza instituída em Tebas; os Argonautas nos transportam para uma época de expedições marítimas e nos fazem assistir ao estabelecimento de colônias; os sete comandantes diante de Tebas representam-nos um tempo de guerras e de profundos dilaceramentos interiores. Mais abundantes e mais interessantes ainda serão os ensinamentos que nos darão as fábulas sobre os costumes e sobre os usos, sobre o estado das crenças, sobre a organização da família e da cidade. Para toda esta ordem de fatos, os mitos

são história.

## 2

Apliquemos agora estas idéias à fábula de Édipo. Qual é o personagem que se chama a si mesmo, no início da peça de Sófocles, *o célebre Édipo*<sup>5</sup>? Estes acontecimentos trágicos que comoveram tão profundamente as entranhas da Grécia e inspiraram a Sófocles a obra prima da arte dramática, quem os imaginou? Que se deve pensar da fatalidade que compele o herói destas aventuras ao parricídio e ao incesto? É como se disse, uma lição de moderação proposta aos homens? Ou a lição veio mais tarde misturar-se à narrativa e dar-lhe um aspecto moral que ela não tinha no início?

A história de Édipo está em todas as memórias. Um oráculo havia predito a Laio, rei de Tebas, que seu filho estava condenado pelo destino a ser parricida e incestuoso: ele mandou abandonar o recém-nascido no Citéron (outros dizem em Sicione). Um pastor, com pena, o recolheu e deu-lhe o nome de Édipo, visto que foi encontrado com os pés atravessados por uma corda e inchados; a criança cresceu entre os pastores, ou, segundo outros, na corte de Políbio, rei de Corinto, que o adotou como seu filho. Chegado à idade adulta, quando voltava de Delfos, encontrou Laio, seu pai, em um caminho em que os seus carros não podiam evitar-se. Uma querela se dá e Édipo mata Laio sem o conhecer. Em seguida vai a Tebas, que estava sendo afligida por um monstro que devorava todos os que não respondessem a suas perguntas. Édipo resolve o enigma da Esfinge, e a obriga a precipitar-se do alto da montanha. Como recompensa, ele obtém o poder real e a mão de Jocasta, viúva de Laio: realiza-se, assim, a predição do oráculo. Mas logo um mal desconhecido faz perecer as frutas da terra, os filhotes dos animais, as crianças; é a cólera dos deuses que vinga a morte de Laio. Édipo faz com que procurem o assassino e descobre a dupla falta de que se tornou culpado. Em seu desespero fura os olhos e deixa a cidade de Tebas. O lugar de sua sepultura é ignorado; mas a posse de seus ossos assegura o poder sobre a região em que eles repousam.

Se não nos restasse de toda mitologia grega senão esta narrativa, estaríamos seguramente muito embaraçados para dizer quem é Édipo. Mas aproximando certos traços de sua história de acontecimentos análogos que fazem parte da vida de outros heróis, poderemos, a partir desses caracteres comuns, determinar sua natureza e de alguma forma classificá-la. Um pri-

meiro fato da lenda é este: *Édipo venceu a Esfinge*. Procuramos em outro lugar mostrar o que é necessário ver nestes monstros, tão numerosos na mitologia grega, que, sob aspectos diversos, representam sempre o mesmo ser<sup>6</sup>. A Esfinge é da mesma família que a Quimera e a Gôrgona. O combate em que sucumbe é uma das cem formas que revestiu a luta de Zeus contra Tífon ou a de Apolo contra a serpente de Delfos. Hesíodo, na genealogia que nos dá desta família de monstros, faz da Esfinge a filha de Orto e da Quimera, neta de Tífon e de Êquidna. Mas se a Esfinge é só uma variedade local da espécie da qual Tífon é o principal representante, somos levados a pensar que Édipo é um herói do mesmo caráter que Zeus, Apolo, Heracles, Belerofonte, ou seja, uma personificação da luz. Esta suposição, por estranha que possa parecer à primeira vista, será, nós o esperamos, justificada pela seqüência deste trabalho. Mas é necessário primeiro examinar as circunstâncias que parecem dar à luta de Édipo um aspecto particular.

O nome Esfinge, que levou certos intérpretes a procurar no Egito a pátria de nosso mito, é perfeitamente grego: ele convém muito bem ao ser que enlaça (σφίγγει), e responde exatamente, quanto ao sentido, ao *Vritra* dos vedas. Se do nome passamos à forma da Esfinge, vemos que ela testemunha a imaginação caprichosa dos gregos, que soube variar ao infinito a aparência destes seres fantásticos. Mas olhando-a mais de perto, a Esfinge não tem nada na sua estrutura que nós não encontramos em um ou outro membro da família. Êquidna tem, como ela, a cabeça de uma jovem; e tem o peito e as garras do leão, a cauda da serpente e as asas do pássaro em comum com Tífon. Quando os gregos entraram em contato com o Egito, reconheceram alguma analogia entre sua Esfinge e os leões com cabeça humana sentados diante dos palácios de Mênfis: deram, conseqüentemente, o nome grego às estátuas egípcias por uma confusão cuja história das religiões antigas oferece numerosos exemplos<sup>7</sup>.

A Esfinge é enviada a Tebas por Hera, a deusa da atmosfera, exatamente como os monstros que Heracles combate. Atenas dá sua ajuda a Édipo da mesma forma que se põe ao lado de Heracles em seus diversos trabalhos e da mesma forma que é a aliada de todos os deuses vencedores em suas lutas no ar. Vimos pela comparação com outros mitos o que representa a montanha sobre a qual a Esfinge está assentada: precipitando-se de seu rochedo e quebrando-se, o monstro nos figura a nuvem que troveja e cai como chuva sobre a terra. A frase proverbial que dizia : *Édipo matou a Esfinge* era a

expressão popular e local que marcava este acontecimento da atmosfera.

Mas a luta de Édipo contra o monstro tem um caráter à parte: é um duelo em que a inteligência substituiu a força<sup>8</sup>. Por que a Esfinge é descrita como propondo obscuras perguntas a suas vítimas? Por que Édipo ao invés de utilizar a clava como Heracles, ou de manejar a espada como Perseu, transformou-se em decifrador de enigmas? Duas circunstâncias contribuíram para dar à fábula este aspecto característico. A primeira já foi indicada alhures<sup>9</sup>. A nuvem, protótipo dos monstros míticos, faz ouvir surdos trovões que são vistos como uma voz profética ou como uma linguagem incompreensível para os homens. Hesíodo, falando de Tífon, diz que ele produz sons que só os deuses compreendem; Píndaro considera o trovão uma voz divina. Não era Apolo que profetizava inicialmente em Delfos, era a serpente tragada nestes lugares. Uma serpente dá oráculos na caverna de Trofônio; Gerion (outro monstro da mesma origem) profetiza em Padoue. É necessário compreender no mesmo sentido o que a fábula nos diz da Esfinge. Sófocles a chama de advinho, um poeta com linguagem ambígua<sup>10</sup>. *A Esfinge pronuncia palavras que os homens não podem compreender*. Nada mais faltava ao espírito dos gregos, desejosos de variar e rejuvenescer um tema uniforme, para dar um aspecto novo à derrota do monstro tebano. Se Édipo tinha conseguido triunfar sobre ele, é porque ele compreendera sua linguagem.

Uma circunstância totalmente accidental contribuiu para dar à fábula este aspecto particular. Sabe-se que influência a etimologia popular pode exercer sobre a forma de um mito: um nome que não se compreende mais é decomposto de uma maneira arbitrária e explicado por um conto; é o que aconteceu com o nome de Édipo Οἰδίπους. O povo acreditou reconhecer aí o verbo “saber” οἶδα: temos ainda neste jogo de palavras de Sófocles :

ὁ μηδὲν εἰδὼς Οἰδίπους

uma alusão a este sentido emprestado ao nome de Édipo. Para explicar a segunda parte da palavra, fez-se entrar na narrativa e se colocou na boca da esfinge um enigma que circulava sem dúvida há muito tempo no meio do povo: “Qual é o animal que tem quatro pés de manhã, dois ao meio-dia e três à noite?” Édipo torna-se o homem que decifra o enigma dos pés, e fomos assim levados a dar uma forma precisa a esta idéia: que o herói



tebano tinha compreendido a linguagem da Esfinge.

Entre os nomes dados nos Vedas ao monstro que combateu o deus solar há um que reencontramos na lenda de Édipo: é *dasyu*, ou seja, o *inimigo*. Esta palavra é derivada da mesma raiz *das*, que também formou em sânscrito a palavra *dâsa* “escravo”. *Dâsa* é encontrado em grego sob a forma de δάος que, como o atesta Hésychius, quer dizer escravo, e que, da comédia grega passou para a cena latina sob a forma *Davus*<sup>11</sup>. Como na palavra sânscrita *dasyu* o sentido primitivo “inimigo” conservou-se no derivado grego δάιος δήιος δῖος. Pela mudança do *d* em *l* que os dialetos gregos apresentam ainda para outras palavras<sup>12</sup>, δάος tornou-se λαός: é verdade que na língua clássica λαός não significa *escravo*, mas *multidão*, *povo*. Mas examinando o emprego desta palavra nos textos mais antigos, percebem-se ainda numerosos traços do primeiro sentido. Quando Homero diz, por exemplo, falando dos guerreiros que rodeavam Pândaro:

ἀμρὶ δέ μιν κρατερὰὶ στίχες ἀσπιστάων  
λαῶν, οἳ οἱ ἔποντο, ἀπ’ Αἰσθήποιο ροάων<sup>13</sup>

ele toma a palavra λαός no sentido individual e não no sentido coletivo. É a mesma significação que é necessário dar a esta palavra nas expressões consagradas ποιμὴν λαῶν, ἄναξ λαῶν χοίρανος λαῶν. A mudança que conduziu este termo cujo primeiro sentido era *escravo*, a significar *multidão*<sup>14</sup> e, enfim, *povo*, *nação*, é certamente um fato a se destacar na história da civilização grega<sup>15</sup>. Esta transformação nos é atestada pelo testemunho explícito de um antigo que, a propósito da forma ática λεώς, faz a observação de que esta palavra não significa sempre a multidão, mas que ela pode aplicar-se também a um homem só, para dizer que ele é submetido a um outro: ele cita a este propósito Hécatée que se serviu deste termo para explicar que Heracles estava submetido a Euristeu (Εὐρυσθέως λεώς)<sup>16</sup>.

Do mesmo modo que δάος tornou-se λαός, δάίος por uma mudança idêntica tornou-se λάιος, que só se conservou como o nome do inimigo combatido por Édipo. Laio é o equivalente do *dasyu* védico, do qual ele toma o lugar na nossa lenda<sup>17</sup>. A luta do deus conservou-se, sob uma dupla forma na história de Édipo, já que ele é sucessivamente vencedor de Laio e da Esfinge; mas semelhantes desdobramentos não têm nada que deva nos surpreender. Todas as vezes que um fundo de crenças populares é remanejado por pessoas de um outro tempo, erros deste tipo se produzem, e dois nomes

diferentes pertencendo a um mesmo personagem dá nascimento a duas narrativas diferentes. A vida de Heracles é uma série de combates sempre os mesmos, em que o lugar da cena e o nome do adversário são os únicos termos que variam: nos contos bretões encontramos até dez ou doze vezes a narrativa, por quase tudo idênticas, de uma mesma aventura que recomeça perpetuamente.

Um dos incidentes comuns da luta do deus védico contra o demônio é a libertação de nuvens que são figuradas como mulheres jovens: enquanto são cativas, elas se chamam *dâsapatnîs*, as mulheres do inimigo; libertas, elas tornam-se *devapatnîs*, as mulheres do deus. Compreende-se desde então o que significava a linguagem popular, quando ela falava das mulheres de Laio que Édipo esposara. Sabemos, com efeito, pelo testemunho de Phérécyde<sup>18</sup>, que, além de Jocasta, Édipo esposou várias outras mulheres. Quando o herói solar foi tomado por um personagem humano, procurou-se adaptar estas circunstâncias aos costumes e aos usos da grécia, e não se nomeou senão uma só mulher de Édipo, Jocasta ou Epicasta, ou então se falou de casamentos sucessivos.

Quando Édipo, diz a fábula, reconheceu o casamento incestuoso que o unia a sua mãe e o encontro fatal que o fizera matar seu pai, furou os olhos. *Édipo ficou cego*, dizia com efeito o povo, na sua linguagem expressiva, quando o sol desaparecia; já que a mesma palavra que marca o escurecer serve nos idiomas primitivos para designar a cegueira<sup>19</sup>. O próprio nome de Édipo vem, se não nos enganamos, da idéia que um povo na sua infância se fazia do cair do sol. Pode-se com efeito ver em *Οἰδίπους* o nome do sol no momento em que ele vai tocar o horizonte, quando, pelo efeito dos vapores que flutuam nas camadas inferiores da atmosfera, ele parece momento a momento aumentar de volume. Talvez mesmo seja permitido ver nesta palavra uma alusão à ferida de que fala a história de Aquiles, e que deve ter sua origem em algum antigo mito solar, porque encontramos a mesma circunstância nas lendas de Balder e de Sigurd nos escandinavos, nas de Isfendiar e de Rustem nos Persas.

Uma vez que a luz do dia é obscurecida, Édipo morre; ninguém sabe onde repousam seus ossos. Segundo uma tradição, se o representava continuando sua existência no fundo de um subterrâneo. Vários povos se vangloriam de possuir seu túmulo, da mesma forma que a ilha de Creta se vangloria de ter o túmulo de Zeus. Colono, pequeno burgo da Ática onde se rende culto a diferentes divindades infernais<sup>20</sup>, estava entre os lugares que

pretendiam ter testemunhado os últimos momentos de Édipo. Sabe-se como Sófocles, apoiando-se sobre tradições locais<sup>21</sup> tirou partido desta circunstância. A idéia de que a posse das cinzas de Édipo asseguraria ao país o poder lembra o tesouro de Nibelungen e as lendas análogas das mitologias germânicas e escandinavas.

O nascimento de Édipo, que se coloca tanto em Tebas como em Sicione, e no Citéron, é como o que se conta do nascimento de Rômulo, de Ciro, de Féridon, de Kei-Khosrou: é a mesma história da criança abandonada que cresce na solidão, que aprende mais tarde o segredo de seu nascimento, e que assinala cedo por seus altos feitos sua coragem e sua nobreza. Uma tradição citada pelo Scholiaste de Eurípedes<sup>22</sup> e por Hygin<sup>23</sup> o mostra deslizando sobre a água em uma arca como Perseu. O conto dos pés atados por uma corda é, como se reconheceu desde muito, oriundo de uma outra etimologia do nome Édipo.

### 3

Os crimes que tornam a história de Édipo tão trágica pertencem à imaginação da segunda idade da Grécia, que quis tirar um ensinamento da lenda e explicar um castigo do qual não se podiam compreender os motivos. De onde vem, com efeito, que Édipo, depois de ter salvo sua pátria e ganho a realza por sua coragem, seja tomado de cegueira e morra longe de seu país? Por que este contraste entre a glória do herói e o mal que o atinge? Quando Édipo combatia a Esfinge no ar, e esposava as nuvens e desaparecia no horizonte, sua história não tinha necessidade de uma explicação moral; mas, uma vez que Édipo tornara-se um príncipe tebano libertando sua cidade de um flagelo e, apesar dos seus altos feitos, privado da visão e expulso de seu reino, o instinto de justiça natural ao homem se revolta e procura na vida do herói os crimes que chamaram a cólera divina. Como esta vida apresentava, além da derrota da esfinge, dois atos, a saber, a morte de Laio e o casamento com Jocasta, supôs-se que eram estas as duas causas do castigo celeste. Atribuíram-se, pois, a Édipo, as duas maiores faltas que pudessem ser concebidas, o incesto e o parricídio: Laio, que ele matara, era seu pai, Jocasta, que ele esposara, era sua mãe. Assim se explicava seu fim terrível. Uma idéia familiar nesta época, a da fatalidade, veio se misturar a esta seqüência de catástrofes: os dois crimes que levam à punição de Édipo eram inevitáveis como a própria punição. O oráculo de Delfos previra estes

males e os havia anunciado por antecedência.

#### 4

Esta interpretação encontrou um adversário no senhor professor Domenico Comparatti, que, no seu trabalho intitulado *Edipo e la mitologia comparata*<sup>24</sup> ataca a idéia de que a história de Édipo tenha tido um ponto de partida naturalista. Ela seria um conto moral destinado a mostrar que o homem não pode escapar ao seu destino e que um primeiro mal implica em seguida uma multidão de outros. Reduzida a seus elementos, a história de Édipo resume-se a três fórmulas bem conhecidas que figuram em muitos outros contos: 1) os pais abandonam seu filho para evitar um mal que, no entanto, se cumpre; 2) uma rainha ou uma filha de um rei é proposta como recompensa àquele que matou um monstro; 3) um enigma é apresentado para ser decifrado, com pena de morte para aquele que não o decifrar. Estas três fórmulas combinadas seriam responsáveis por toda a narrativa.

Respondemos em outro lugar ao erudito professor de Pisa<sup>25</sup>. Digamos simplesmente aqui que ele não nos parece ter distinguido bem os tempos. Estou longe de pretender que seja necessário ver deuses solares em todos os personagens que matam monstros e libertam princesas acorrentadas. Mas antes de entrar na encenação dos contos, é necessário que estes incidentes tenham figurado em narrativas em que tivessem sua razão de ser. É pelos mitos que eles se tornam bastante familiares à imaginação popular para passar à condição de lugares comuns. Não se explicaria por que as mesmas fórmulas são reencontradas na Pérsia, na Germânia, na Grécia, se atrás da fórmula não se encontrasse a crença naturalista. Os contos de fadas são o último resíduo da religião de um povo: parece-nos prematuro localizar este resíduo nos tempos que precederam a Homero e a Hesíodo.

## NOTAS

<sup>1</sup> *Pyth.*, II, 39.

<sup>2</sup> *Akshi, aksha, akshan*, três palavras de origem idêntica, que querem dizer *olho, eixo, roda, carro*; o latim *axis*, o grego ἄξων, são da mesma família. O *a* inicial abrandou-se em *i*, como em ἵππος, sânscrito *açva*, e como no latim *ignis*, sânscrito *agni*. Esta mudança de *α* para *ι* é



<sup>12</sup> Por exemplo em Ὀδυσσεύς (para Ὀδυσσεύς), λίσκος (para δίσκος), λαφν η (para δάφνη), e no λάσιος “*velu*” ao lado de δασύς.

<sup>13</sup> Πίδα, IV, 90. Este emprego é muito freqüente em Homero. Ver entre outros: Il., II, 538, IX, 116, XIII, 710, etc.

<sup>14</sup> Como nestes versos de Homero:

τοὶ δ' ἄμ' ἔποντο  
ἦχιῆ θεσπεσίη, ἐπὶ δ' ἰαχὶ λαὸς ὄπισθεν.

<sup>15</sup> Os dois sentidos se tocam ainda nestes versos de Ésquilo:

λέλυται γὰρ  
λαὸς, ἐλεύθερα βάζειν,  
ὥς ἐλύθη ζυγὸν ἄλκας.

(*Perses*, v. 592).

É a mesma palavra *dása*, mas melhor conservada, porque ela se encontra em composição, que permaneceu na palavra δεσπότης. É notável que a palavra *daqyu* que é a forma zenda de *dasyu*, tenha sofrido uma mudança de sentido análoga: *daqyu* não quer dizer *inimigo* ou *escravo*, mas *província*.

<sup>16</sup> Σημειωτέον δὲ ὅτι οὐχ ἀπλῶς τὸν ὄχλον σημαίνει, ἀλλὰ τὸν ὑποτέταγμένον Ἐκατοῖος γὰρ τὸν Ἡρακλέα τοῦ Εὐρυσθέως λεὼν λέγει, καίτοι ἓνα ὄντα. (Hirponax, nas *Anecdota* de Cramer, t. 1, p. 265.)

<sup>17</sup> Mostrava-se o túmulo de Laio em vários lugares, e estes lugares eram na sua maior parte devotados às divindades infernais. (Apol. III, 15.7. Cf. Schneidewin, *Die Sage vom AEdipus*, p. 169, 175, 182).

<sup>18</sup> *Fragments des historiens grecs*, ed. Car. e Theod. Muller, I, p. 85. Pherecyde nomeia duas destas ninfas: Eurigânia e Astimedusa. Segundo certos escritores, Eurigânia é uma irmã de Jocasta. Acrescentemos que Epicasta “a brilhante” é também o nome de uma mulher de Zeus, e Jocasta “a violeta” a de uma mulher de Apolo. O pai de Eurigânia chama-se Hyperphas.

<sup>19</sup> Considerar o duplo sentido de *Caecus* em latim. Pott, no *Journal de Kuhn* (t. II, p.1 101), dedicou um trabalho especial a toda uma série de expressões do mesmo gênero. É assim que *andha* “cego”, em sânscrito, é um nome das trevas.

<sup>20</sup> Ver C.Fr. Hermann, *Quaestiones AEdipodoe*, parte III; Schneidewin, *Die Sage vom*

*AEdipus*, p. 192; Preller, *Griechische Mythologie*, II, p. 240.

<sup>21</sup> Édipo em Colona, v. 62, cf. Muller, *Gesch. der Griech. Literatur*, II, 136.

<sup>22</sup> Phaenissae, 26 3 28.

<sup>23</sup> Fab. 66.

<sup>24</sup> Pisa, 1867.

<sup>25</sup> *Revue Critique* de janeiro de 1870.

